

Recebido em: 16/05/2021

Aprovado em: 14/06/2021

Publicado em: 15/07/2021

PSICANÁLISE E FILOSOFIA

algumas considerações a partir da relação entre Freud e Fechner

PSYCHOANALYSIS AND PHILOSOPHY

some considerations from the relation between Freud and Fechner

André Santana Mattos¹

(and_mat@hotmail.com)

Resumo: O artigo apresenta uma reflexão sobre a relação entre psicanálise e filosofia a partir do encontro teórico entre Freud e Fechner. Autor de uma considerável obra filosófica e científica, Fechner é citado por Freud, entre outros lugares, em *Além do princípio de prazer* (1920), onde o seu princípio da tendência à estabilidade será articulado à teoria freudiana, que, por sua vez, passará a considerar o princípio de constância como um caso especial do princípio fechneriano. Nesta articulação, os campos da psicanálise e da filosofia se tocam no domínio interseccional das hipóteses teóricas que têm por intento a representação da realidade, no que se pode delinear um trabalho que se insere no campo mais geral da história das ideias. Ao final, apresenta-se ainda o esboço de um panorama geral dos tipos possíveis de trabalho que envolvem a relação entre psicanálise e filosofia.

Palavras-Chave: Psicanálise. Filosofia. Freud. Fechner.

Abstract: The article presents a reflection about the relationship between psychoanalysis and philosophy, parting from the theoretical encounter between Freud and Fechner. The author of a considerable philosophical and scientific work, Fechner is cited by Freud, among other places, in *Beyond the pleasure principle* (1920), where his principle of the tendency towards stability is connected to the Freudian theory, which then starts to consider the principle of constancy as a special case of Fechner's principle. In this connection, the fields of psychoanalysis and philosophy touch each other in the intersectional domain of theoretical hypotheses that have the intent of representing reality, where one can delineate a work that inserts itself in the more general field of the history of ideas. At the end, it is also presented the sketch of a general panorama of the possible types of work that involve the relationship between psychoanalysis and philosophy.

Keywords: Psychoanalysis. Philosophy. Freud. Fechner.

INTRODUÇÃO

A relação entre psicanálise e filosofia pode se dar e tem se dado sob múltiplas formas, desde o nascimento da primeira. Um desses entrelaçamentos, que se encontra registrado na obra

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0371831964052713>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1041-2936>.

de Freud, consiste na relação entre o seu pensamento e o de Gustav T. Fechner, autor que desenvolveu, ao longo do século 19, uma considerável obra filosófica e científica, percorrendo campos como a física, a ética, a metafísica, a psicofísica e a estética.

Assim como Freud, Fechner fez seus estudos universitários em medicina, mas seu percurso intelectual posterior foi bastante diferente daquele que viria a ser trilhado pelo fundador da psicanálise. Insatisfeito com a qualidade da maior parte das disciplinas que assistia na Universidade de Leipzig e reconhecendo que ele mesmo não possuía o talento necessário para a prática médica, Fechner pretendeu dedicar-se por um tempo à filosofia da natureza², dando aulas sobre as filosofias de Schelling e Oken, mas acabou em um primeiro momento direcionando sua carreira para o campo da física. Após a conclusão de seus estudos em medicina, atuou como professor de física na Faculdade de Filosofia da Universidade de Leipzig, realizando contribuições nesta área por meio de experimentos, publicações e traduções, até que uma crise psicológica, acompanhada de perturbações visuais provocadas por experimentos que conduzira na época sobre a visão, o levou a interromper suas atividades de ensino e a se afastar da área. Após sua recuperação, Fechner ressurgiu com interesses renovados, direcionando-se novamente para a filosofia e assumindo, a partir de 1846, o posto de professor de filosofia da natureza na mesma faculdade em que lecionara anteriormente, permanecendo ali até sua aposentadoria em 1875 (HEIDELBERGER, 2004; UNIVERSITÄT LEIPZIG, s/d).

Esta nova fase é inaugurada com a publicação do livro *Ueber das höchste Gut* (Sobre o bem mais elevado), em 1846, e do artigo *Ueber das Lustprincip des Handelns* (Sobre o princípio de prazer no agir), em 1848, que apresentam a formulação de uma ética centrada no conceito de “princípio de prazer” – mesmo termo que viria a ser mais tarde utilizado por Freud³. Em 1851, publica *Zend-Avesta*, onde desenvolve uma concepção metafísica que apresenta a natureza como algo vivo e animado, que encontra inspiração nas filosofias da natureza de Schelling e Oken. Nos anos seguintes, retoma o interesse científico, não sem relação com sua obra filosófica, realizando estudos experimentais que buscaram estabelecer uma relação matemática entre o estímulo físico e a sensação psíquica, o que teve como resultado a lei psicofísica que ficou conhecida como lei Weber-Fechner e lhe rendeu grande prestígio como um pioneiro da psicologia experimental, publicando seus resultados em 1860 nos *Elemente der*

² Aqui temos ainda um notável ponto em comum, já que Freud, enquanto estudava medicina na Universidade de Viena, pretendeu, em dado momento, se formar concomitantemente em filosofia, tendo cursado algumas disciplinas na área, como podemos acompanhar através de sua correspondência com Eduard Silberstein (ver FREUD; BOEHLICH, 1995, em especial pp. 120-122).

³ Em Freud, o termo aparece como *Lustprinzip*, havendo, portanto, apenas uma pequena diferença na grafia, o que se pode observar tanto nesse quanto em outros termos usados por Fechner, devido à ortografia alemã de sua época.



Psychophysik (Elementos de psicofísica). Depois disso, desenvolveu ainda uma estética experimental e publicou, em 1873, o livro *Einige Ideen zur Schöpfungs- und Entwicklungsgeschichte der Organismen* (Algumas ideias sobre a história do surgimento e desenvolvimento dos organismos), onde, propondo-se a uma reavaliação da teoria da evolução de Darwin, apresenta uma concepção própria de vida e de mundo, no espírito de sua filosofia da natureza, que envolve a formulação do princípio da tendência à estabilidade, o qual seria recepcionado pela obra de Freud em *Além do princípio de prazer* (FREUD, 1982 [1920]).

Procederemos aqui a uma breve descrição deste encontro teórico (Freud/Fechner), para, a partir daí, tecer algumas considerações a respeito da relação entre psicanálise e filosofia que se pode depreender desse caso, buscando ainda o inserir em um panorama geral dos diversos tipos possíveis de relação entre esses dois campos.

1 A RELAÇÃO ENTRE FREUD E FECHNER

Apesar das consideráveis diferenças intelectuais entre Freud e Fechner – o primeiro, não apenas adepto de um naturalismo sóbrio, mas veementemente ateu⁴ e antimetafísico, o segundo, autor de um naturalismo animista, cuja metafísica era ainda recheada de temas religiosos –, as obras dos dois autores se tocam em mais de um ponto.

Em 1925, na apresentação autobiográfica de Freud, na passagem em que este trata de sua relação com a filosofia, Fechner figura entre os três nomes próprios mencionados⁵, sendo o único no qual é reconhecida uma influência direta: “Sempre fui receptivo às ideias de G. T. Fechner, e apoiei-me nesse pensador em alguns aspectos importantes” (FREUD, 2011, p. 148). Referindo-se a essa passagem, Assoun afirma: “Há aí o signo de uma filiação epistemológica que funda o privilégio concedido a Fechner”, se levamos em conta que “o reconhecimento de

⁴ As cartas de Freud a Silberstein revelam que, em março de 1875, durante os seus estudos universitários, o contato com Franz Brentano e seus argumentos em favor da existência de Deus o levaram momentaneamente a vacilar em direção ao teísmo (ver FREUD; BOEHLICH, 1995, sobretudo pp. 123-124). Também no mesmo período observamos que a sua crítica à religião pode ter encontrado apoio e inspiração em Feuerbach, a quem ele se refere como aquele “que, entre todos os filósofos, eu mais respeito e admiro” (FREUD; BOEHLICH, p. 116). Os nomes de Brentano, Feuerbach e Fechner aparecem, inclusive, em uma mesma passagem, na carta de 8 de novembro de 1874: “Ficaria com pena se tu, o jurista, negligenciasses inteiramente, por exemplo, a filosofia, enquanto eu, um ímpio estudante de medicina e empírico, ouço duas preleções sobre filosofia e leio Feuerbach em companhia do Paneth. Uma delas trata – escuta e pasma! – da existência de Deus, sendo que o professor Brentano, que as lê, é uma esplêndida pessoa, sábio e filósofo, embora ache necessário sustentar a diáfana existência de Deus com os seus pareceres. [...] Se estiveres ouvindo as preleções do Fechner e ficares conhecendo argumentos interessantes, teria prazer em tomar conhecimento deles e espalhá-los noutros círculos.” (FREUD; BOEHLICH, p. 90).

⁵ Os outros dois são Schopenhauer e Nietzsche.

paternidade é raro e precioso sob a pena de Freud” (ASSOUN, 1981, pp. 155-6)⁶. Ellenberger chega mesmo a condicionar a existência de muitas ideias de Freud à influência de Fechner: “Uma grande parte do arcabouço teórico da psicanálise dificilmente teria surgido sem as especulações do homem a quem Freud chamou o grande Fechner” (ELLENBERGER, 1970, p. 218). Em uma direção oposta, contudo, Riepe defende que “a influência de Freud por Fechner é um mito de história da recepção” (RIEPE, 2002, p. 757) e que o uso que Freud faz dos conceitos de *princípio de prazer* e *outro cenário* “não apenas não tem nada em comum com os conceitos de Fechner, mas implica em sua direta refutação” (RIEPE, 2002, p. 758)⁷.

Em uma apresentação geral da relação entre Fechner e Freud, Ellenberger (1993 [1956]) aponta cinco aspectos onde identifica convergências entre as obras dos dois autores: o conceito de energia mental; a concepção espacial da mente; o princípio de prazer; o princípio de constância de Freud e o princípio da tendência à estabilidade de Fechner; e, por fim, o princípio de repetição em Fechner e a compulsão à repetição em Freud. Destes pontos, contudo, apenas dois aparecem na obra de Freud a partir de uma remissão explícita a Fechner. O primeiro deles se trata da concepção espacial da mente, desenvolvida por Freud no capítulo 7 de *A interpretação dos sonhos*, onde se lê: “No contexto de algumas discussões dedicadas ao sonho, o grande Fechner expressa em sua *Psicofísica* [...] a hipótese de que *a cena dos sonhos é distinta daquela da vida representacional de vigília*” (FREUD, 2012 [1900], pp. 563-564). Freud extrai desta passagem, retirada dos *Elemente der Psychophysik*, a ideia de uma “localidade psíquica”, proporcionando assim o ensejo para a formulação da sua representação espacializada do aparelho psíquico e para a distinção dos sistemas pré-consciente e inconsciente, com a qual se conecta a explicação dos sonhos em geral como realização disfarçada de um desejo reprimido.

Esta relação, contudo, parece ainda um tanto indireta ou alusiva, o que nos leva ao segundo aspecto, a nosso ver o mais interessante e frutífero, que consiste na relação entre o princípio de constância de Freud e o princípio da tendência à estabilidade de Fechner, estabelecida pela primeira vez em 1920, em *Além do princípio de prazer*. Nesta obra, Freud parte da investigação de um conjunto de fenômenos que manifestariam uma compulsão à repetição supostamente mais primária que o próprio princípio de prazer, para daí formular sua nova teoria das pulsões, que entenderá a pulsão em geral como um ímpeto a retornar a um estado anterior, classificando as pulsões em pulsões de vida e pulsões de morte.

⁶ As traduções de textos citados em língua estrangeira são de nossa responsabilidade.

⁷ Como o nosso propósito aqui é apenas discutir a relação entre psicanálise e filosofia a partir de uma articulação teórica efetivamente tecida por Freud, não examinaremos neste momento a pertinência desta articulação, o que teremos a oportunidade de fazer em trabalhos futuros.

O princípio de Fechner é mencionado já na seção introdutória da obra, que tece algumas considerações gerais acerca do princípio de prazer, o qual é inicialmente apresentado como a “suposição” [*annehmen*] de que “o decurso dos processos anímicos [...] é sempre incitado por uma tensão desprazerosa, e depois toma uma direção tal que seu resultado final coincide com uma diminuição desta tensão, logo com uma evitação de desprazer ou produção de prazer” (FREUD, 1982 [1920], p. 217). Após observar a dificuldade em encontrar apoio em alguma teoria que traga informações sobre o significado das sensações de prazer e desprazer, Freud afirma que optou pela hipótese mais frouxa em relação a isso, que já se deixava entrever na definição do seu princípio: “Decidimos relacionar prazer e desprazer à quantidade de excitação presente na vida anímica – e de nenhum modo ligada –, de tal maneira que o desprazer corresponda a um incremento dessa quantidade e o prazer, a uma redução dela” (FREUD, 1982 [1920], pp. 217-218).

Apesar do escasso apoio teórico, Freud afirma ter encontrado uma concepção que coincidiria essencialmente com a sua, a qual é apresentada por Fechner em uma passagem do livro *Algumas ideias sobre a história da criação e do desenvolvimento dos organismos*, publicado em 1873. Na passagem citada por Freud, Fechner relaciona o prazer e o desprazer com situações de estabilidade e instabilidade:

Uma vez que impulsos [*Antriebe*] conscientes estão sempre em relação com prazer ou desprazer, prazer ou desprazer podem também ser pensados em relação psicofísica com condições de estabilidade e instabilidade; e pode-se em seguida fundamentar a hipótese, a ser desenvolvida por mim mais detalhadamente em outro lugar, de que todo movimento psicofísico que supera o limiar da consciência seria marcado [*behaftet*] pelo prazer, na medida em que ele se aproxima da estabilidade completa para além de um certo limite, e pelo desprazer, na medida em que ele se afasta dela além de um certo limite, ao passo que, entre ambos os limites, que devem ser designados como limiar qualitativo do prazer e do desprazer, há uma certa extensão de indiferença estética [...]. (FECHNER, 1873, p. 94; citado em FREUD, 1982 [1920], p. 218)

Na sequência do texto, Freud insere na discussão o princípio de constância, apresentado como a “hipótese [*Annahme*] de que o aparelho psíquico se empenha [*Bestreben*] em conservar a quantidade de excitação nele existente o mais baixa possível, ou ao menos constante”, do qual seria derivado o princípio de prazer, e afirma que “esse empenho [*Bestreben*] do aparelho psíquico, que nós supomos, subordina-se, como caso especial, ao princípio fechneriano da *tendência à estabilidade*, ao qual ele, Fechner, relacionou as sensações de prazer-desprazer” (FREUD, 2010 [1920], p. 164).



O princípio da tendência à estabilidade é apresentado no terceiro capítulo do livro de Fechner⁸, que se inicia com algumas observações sobre a noção de estabilidade ali empregada, pensada em relação ao estado de movimento das partículas ou massas de um sistema material. Fechner distingue três níveis de estabilidade: a *estabilidade absoluta* seria “o estado de repouso das partículas ou massas umas em relação às outras”, sendo entendida como “o caso-limite onde as mesmas relações mantêm-se *permanentemente*”, tendo como contraparte o caso-limite oposto da instabilidade absoluta, entendido como “uma dispersão ao infinito das partículas ou massas em direções divergentes” (FECHNER, 1873, p. 26); a *estabilidade completa* seria “o caso onde, embora ocorram movimentos, estes sempre reconduzem, em seções temporais exatamente iguais, para as mesmas relações das partículas ou massas entre si” (FECHNER, 1873, p. 26); por fim, a *estabilidade aproximativa* descreveria os casos em que “as partículas ou massas de um sistema nunca retornem novamente de modo exato, mas sim de modo aproximado, em seções temporais iguais, para as antigas relações que mantinham entre si” (FECHNER, 1873, p. 26), estado que tem o Sistema Solar como um exemplo.

Após tecer algumas considerações preparatórias, Fechner então enuncia o seu princípio da tendência à estabilidade:

Em todo sistema de partes materiais que se encontra abandonado a si mesmo ou sob condições externas constantes, e portanto também no sistema do mundo material, uma vez que o consideramos como um sistema fechado, tem lugar, com a exceção de movimentos que vão ao infinito, uma progressão contínua de estados instáveis para [estados] estáveis, até um estado final completamente ou aproximadamente estável. (FECHNER, 1873, p. 30)

O estado final presente na formulação do princípio, como se pode notar, não seria a estabilidade absoluta. A razão para isso está na observação de que “um progresso irrestrito do mundo para a estabilidade absoluta” é limitado pelo “princípio da conservação da força [*Princip der Erhaltung der Kraft*]”, que determina que “a força viva [*lebendige Kraft*]⁹ não pode de modo algum [...] ser alterada no mundo como um todo segundo sua quantidade, mas apenas segundo a forma na qual ela se manifesta” (FECHNER, 1873, pp. 34-35).

⁸ Após a formulação inicial do princípio em seu escopo físico geral, o capítulo 4 o desenvolve em sua aplicação ao domínio orgânico e o capítulo 11, onde se encontra o trecho citado por Freud, o insere em uma discussão teleológica e psicofísica.

⁹ Ao longo do século 19, parte daquilo que na física se designava como “força” (*Kraft*) passou a ser chamado de “energia” (*Energie*), e aquilo que desde Leibniz se chamava “força viva” (*lebendige Kraft*, *vis viva*) passou a ser conhecido como “energia cinética”, o que não deve ser confundido com o conceito de “força vital” (*Lebenskraft*).

As relações de estabilidade aproximada podem ser constatadas, de acordo com Fechner, não apenas nos movimentos planetários do Sistema Solar, mas ainda nos movimentos observados no interior da Terra, em decorrência de sua relação com a Lua e o Sol, exemplificados nos fenômenos periódicos de “maré baixa e maré alta, ciclo das águas, ventos periódicos, alterações periódicas da temperatura, da pressão atmosférica etc.” (FECHNER, 1873, p. 32). Fechner também enxerga tal estabilidade nos organismos, que são “inteiramente estruturados a partir da periodicidade de suas funções e, com isto, das relações estáveis de sua vida” (FECHNER, 1873, p. 32), o que também pode ser estendido à vida mental:

Mesmo o domínio mental [*geistig*] se mostra submetido a esse princípio. Pois achamos que, quanto mais uma pessoa se retira da influência variável das circunstâncias externas, toda a sua vida de representações, sensações, sentimentos se ordena em ciclos cada vez mais regulares ou, dito brevemente, se torna cada vez mais estável; um dia se torna para ela logo como o outro; o que podemos pensar como relacionado à estabilidade crescente dos processos materiais que subjazem à vida mental [*geistig*]. (FECHNER, 1873, p. 32)

2 FREUD E FECHNER: UM ENCONTRO ENTRE PSICANÁLISE E FILOSOFIA

Se partimos da relação entre Freud e Fechner como um caso que deve propiciar uma reflexão sobre a relação entre psicanálise e filosofia, cumpre precisar qual é o estatuto epistêmico dos princípios teóricos através dos quais se dá a articulação entre os dois autores e tentar delinear as convergências e divergências entre os dois campos do conhecimento que este encontro nos permite traçar.

Além disso, contudo, seria ainda necessário discutir em que medida é adequado tomar Fechner, como o fizemos, como um representante da filosofia, sobretudo pela razão de que se trata de um autor que transitou notavelmente entre os campos da filosofia e da ciência. Seus trabalhos de mensuração psicofísica se detêm na experiência segundo o laborioso rigor do método científico mais estrito, enquanto suas especulações metafísicas se alçam a alturas a que muitos filósofos de sua época não ousariam ir. Mas em que domínio do conhecimento se encontra o seu princípio da tendência à estabilidade?

O livro onde o princípio é formulado parte de uma questão científica, se apresentando como uma discussão da teoria da evolução de Darwin, mas de nenhum modo se atém apenas à experiência ou a teorias que teriam algum direito de reivindicar o estatuto da cientificidade. O princípio teórico que nos interessa, no entanto, é estabelecido através de uma



argumentação que faz um certo recurso à experiência, mas não parece poder se desvencilhar do seu caráter hipotético ou especulativo. Vale notar uma observação de Fechner no prefácio, que nos parece interessante, por explicitar a presença da hipótese também no trabalho científico: “Ainda assim, do modo como se apresenta até agora, ela [a doutrina da descendência] não está livre de dificuldades, inverossimilhanças, lacunas e hipóteses [*Hypothesen*] que não são tão certas quanto os fatos [*Thatsachen*] que podem ser conectados através dela” (FECHNER, 1873, p. III). Quanto ao estatuto das suas próprias formulações, Fechner afirma, ao se referir ao princípio da diferenciação relativa, que esse princípio “é apenas hipotético [*hypothetisch*], como a maior parte do que há nesse escrito e na teoria da descendência em geral” (FECHNER, 1873, p. V).

De acordo com Fechner, apesar de o princípio da tendência à estabilidade parecer à primeira vista puramente apriorístico, ele estaria apoiado na pressuposição incerta de que, “entre as condições do movimento, estão em geral [*überhaupt*] aquelas que reconduzem ao seu próprio retorno” (FECHNER, 1873, p. 28). Feita esta constatação, ele se volta então à contribuição que a experiência e o cálculo lhe podem fornecer, observando que o cálculo só poderia avaliar até o momento alguns casos simples, nos quais permite estabelecer que a estabilidade completa deve ser alcançada, como os casos dos pêndulos e das cordas oscilantes, supondo a eliminação das resistências externas, assim como o caso de um sistema isolado “de apenas duas partículas ou massas que são determinadas uma em relação à outra pela atração mútua e pelo efeito de um impulso defletor primordial para o movimento” (FECHNER, 1873, p. 29). Fechner emenda ainda que os fatos mais gerais da experiência permitiriam constatar a ocorrência de ao menos algum grau de aproximação à estabilidade completa em qualquer sistema que esteja isolado ou sob influências externas constantes, julgando assim haver condições suficientes para estabelecer o seu princípio.

No intento de emitir um juízo epistemológico sobre o princípio de Fechner, não nos parece fácil delinear uma clara demarcação entre uma hipótese científica e uma especulação filosófica; e é interessante notar que o procedimento adotado aí por Fechner se aproxima bastante daquele que é levado a cabo por Freud em *Além do princípio de prazer*, quando, após a formulação da hipótese da pulsão de morte, o autor faz uma incursão em experimentos biológicos, nos quais julga encontrar apoio para a sua hipótese (FREUD, 2010 [1920], pp. 212-219). Trata-se, nos dois casos, de hipóteses próprias cuja sustentação empírica é buscada em experiências de terceiros.

Por outro lado, o princípio de constância em Freud, que também é descrito como uma “hipótese [*Annahme*]” (FREUD, 1982 [1920], p. 219), é remetido pelo autor à sua

própria experiência, afirmando que ele tem por base os mesmos fatos que sustentam a hipótese do princípio de prazer, sobre o qual comenta:

Não há para nós nenhum interesse em investigar até que ponto, com a formulação do princípio do prazer, nos aproximamos ou aderimos a um sistema filosófico determinado e historicamente estabelecido. Nós chegamos a tais hipóteses especulativas [*spekulativen Annahmen*] pelo esforço em descrever e dar conta dos fatos da observação diária em nosso campo. (FREUD, 1982 [1920], p. 217)

Freud se sente à vontade aqui, como se vê, para fundir as designações de hipotético e especulativo, o que talvez possamos seguir, sobretudo se consideramos o domínio epistêmico interseccional no qual se insere nossa análise. É também de se notar a evitação de uma confrontação com os sistemas filosóficos, justamente em um ponto que poderia revelar a maior aproximação com a filosofia de Fechner. Esta postura, contudo, não é mantida em relação a outros elementos teóricos, quando, mais adiante na mesma obra, Freud reconhece, após suas formulações sobre as pulsões de vida e de morte, uma confluência com o pensamento filosófico de Schopenhauer: “E há outra coisa que não podemos ignorar: que inadvertidamente adentramos o porto da filosofia de Schopenhauer, para quem a morte é ‘o autêntico resultado’ e, portanto, o objetivo da vida, enquanto o instinto sexual é a encarnação da vontade de vida” (FREUD, 2010 [1920], p. 220). Aqui temos de modo claro um encontro com a filosofia, ainda que Freud não realize uma concatenação mais efetiva de suas teorias com aquelas de Schopenhauer, como ocorre no caso do princípio fechneriano.

Em 1925, em sua apresentação autobiográfica, Freud afirma, se referindo à nova teoria das pulsões, que nos últimos anos dera “rédea larga ao pendor à especulação, que havia muito era contido” (FREUD, 2011 [1925], p. 145), e tece mais algumas observações sobre sua relação com a especulação e a filosofia:

Não se deve ter a impressão de que nesse último período eu dei as costas à observação paciente e me entreguei totalmente à especulação. Sempre permaneci em contato íntimo com o material analítico e nunca deixei de trabalhar sobre temas específicos de natureza clínica ou técnica. Mesmo quando me afastei da observação evitei cuidadosamente me aproximar da filosofia propriamente dita. (FREUD, 2011 [1925], pp. 147-148)

Estas considerações parecem significar certamente uma demarcação entre a filosofia e a sua nova teoria das pulsões, mas é possível que também signifiquem que Freud não percebia a incorporação teórica do princípio da tendência à estabilidade como uma



aproximação à “filosofia propriamente dita”. Contudo, a menção a Fechner no estudo autobiográfico o insere no campo da filosofia, ainda que Freud se refira a ele com a designação mais indeterminada de “pensador” (FREUD, 2011 [1925], p. 148).

Ainda que todas estas considerações nos tenham levado a uma aproximação, nos casos examinados, entre o trabalho filosófico e o trabalho científico, parece-nos que a obra de Fechner na qual é formulado o princípio da tendência à estabilidade se coloca primordialmente no domínio metafísico. Isto porque, além de não partir de experiências próprias, o livro trata, com destaque, de ideias bastante gerais e marcadamente especulativas, como a definição da vida (FECHNER, 1873, capítulo 1) e uma hipótese sobre o seu surgimento, que inverte a concepção segundo a qual os organismos surgiram a partir da matéria inorgânica, supondo um estado original do universo por ele denominado de estado “cosmorgânico” (FECHNER, 1873, capítulo 5). É neste contexto que se insere o princípio citado por Freud; e, ainda que, em sua formulação, se faça recurso à experiência, ele parece se inserir em uma conjuntura mais marcadamente filosófica.

A hipótese freudiana do princípio de constância parte, por sua vez, de um campo próprio de experiências do seu autor, como é também o caso da hipótese do princípio de prazer. Talvez se possa dizer que mesmo a formulação da nova teoria das pulsões, que é apresentada por Freud como “especulação que vai longe [*weitausholende Spekulation*]” (FREUD, 1982 [1920], p. 234), ainda estaria inserida mais propriamente no campo científico, pelo fato de partir dos fenômenos observados da compulsão à repetição.

Portanto, a convergência entre psicanálise e filosofia que aqui examinamos no contato entre o princípio da tendência à estabilidade e o princípio de constância, se dá no campo da hipótese ou da especulação, que pode ser considerado uma interseção entre os dois domínios epistêmicos, cuja fronteira neste caso não se torna tão clara. Ainda assim, acreditamos poder identificar, nos princípios em questão, a distinção entre uma hipótese filosófica e uma hipótese científica, utilizando como critério de diferenciação o contexto epistêmico mais geral onde se insere a hipótese, assim como a presença ou ausência de um campo próprio de experiências do seu autor. Deve-se reconhecer, entretanto, que o princípio fechneriano certamente se aproxima de um caso limítrofe, o que deve ter contribuído para que Freud o tenha incorporado às suas teorias com certa naturalidade.

Nesta interseção onde se insere a hipótese ou especulação filosófica, notemos ainda que, o que está em questão é tão-somente a disciplina particular da filosofia que busca representar a realidade em geral, a qual se costuma dar o nome de metafísica ou, segundo a tradição a que Fechner se filia, filosofia da natureza. O seu ponto de contato com as ciências se dá,

evidentemente, pelo fato de estas também terem o objetivo de representar a realidade, ainda que em domínios específicos e a partir de uma relação mais estrita com a experiência. Na medida em que a metafísica se volta sobre domínios específicos do real, obtém-se a sua correspondência com as ciências particulares: filosofia da natureza (física), filosofia da vida (biologia), filosofia da alma (psicologia) etc.; no que se pode depreender as múltiplas relações entre as obras de Fechner e de Freud, quando estas perpassam vários destes campos¹⁰.

A relação entre psicanálise e filosofia que se pode estabelecer dessa maneira consiste, portanto, em uma relação entre teorias que têm por objetivo a representação da realidade. Aqui não seria necessário se ater, contudo, às teorias científicas que devem se contentar com o seu caráter hipotético, sendo possível ainda incluir aquelas que poderiam ser chamadas de teorias empíricas¹¹ ou que puderem reclamar o estatuto de teses bem estabelecidas. O ponto de encontro entre os dois campos, contudo, estaria restrito ao elemento do pensamento, em sua visada ontológica, e o seu estudo caracterizaria um tipo de trabalho que poderia ser inserido na designação mais geral de história das ideias ou história do pensamento.

3 Psicanálise e filosofia: um panorama geral

Para finalizar, gostaríamos de inserir este tipo de trabalho que descrevemos em um panorama geral das diversas formas possíveis pelas quais se poderia relacionar a filosofia e a psicanálise, o que tentaremos esboçar a seguir.

A psicanálise e a filosofia podem se relacionar em níveis diferentes de discurso, de maneira que uma sujeitaria a outra como objeto. Por um lado, a psicanálise pode tomar a filosofia como objeto de análise, considerando-a como um produto da atividade psíquica, o que é ilustrado de modo mais notável pela avaliação que Freud fez por vezes da filosofia, associando-a a um enquadramento psicopatológico depreciativo. Por outro lado, a filosofia pode tomar a psicanálise como um objeto de análise, o que geralmente é feito a partir da epistemologia, considerando a psicanálise como uma forma de conhecimento, mas também pode ser feito a partir de outras disciplinas filosóficas, como a estética ou a ética. No caso de

¹⁰ Além da relação mais estrita entre o princípio da tendência à estabilidade com o princípio de constância (e o princípio de prazer), a estrutura teórica freudiana certamente sugere uma relação entre o princípio fechneriano e a pulsão de morte, o que ganha interesse ainda maior quando consideramos a concepção fechneriana de vida e de morte. Hyppolite (1989) remete ainda a segunda teoria das pulsões de Freud à filosofia da natureza, a partir da associação que o próprio Freud tece com os princípios de Empédocles.

¹¹ Ver Fulgencio (2003), onde a distinção entre teorias empíricas e teorias especulativas é utilizada para analisar o papel da especulação na obra de Freud.

uma análise epistemológica, esta pode ter por resultado uma avaliação positiva ou negativa, ou ainda uma avaliação parcialmente positiva e parcialmente negativa, como ocorre em autores como Politzer e Dalbiez. Mas esta análise pode ser feita também como uma caracterização histórico-descritiva da epistemologia inerente à psicanálise, que não envolve necessariamente a emissão de um juízo de valor¹².

A psicanálise e a filosofia também podem se relacionar no mesmo nível discursivo, que pode se dar enquanto discurso ontológico ou discurso epistemológico. No caso do discurso ontológico, entendido no sentido geral de um discurso que tem por objeto a representação da realidade, é possível um diálogo entre as especulações filosóficas e as teorias psicanalíticas que têm como objeto especialmente domínios como a psique, a sociedade e a vida. Aqui pode ter lugar tanto uma relação positiva, onde a psicanálise é influenciada por ideias filosóficas¹³ ou a filosofia é influenciada por ideias psicanalíticas, quanto uma relação negativa, onde a psicanálise critica ideias filosóficas ou a filosofia critica ideias psicanalíticas. Nos casos em que não há a explicitação de uma influência ou crítica entre filósofos e psicanalistas, o estudioso pode ainda construir esta relação, ao analisar as semelhanças e diferenças entre os pensamentos dos autores.

No caso de um diálogo no âmbito do discurso epistemológico, que pode se dar nas mesmas modalidades apresentadas em relação ao discurso ontológico, trata-se da relação que se pode estabelecer entre a epistemologia dos filósofos e as formulações epistemológicas que podemos encontrar em obras psicanalíticas. Este tipo de trabalho, no entanto, provavelmente se confundirá, parcialmente, com aquele em que a filosofia toma a psicanálise como objeto de uma análise epistemológica, especialmente se incluirmos aqui também a epistemologia implícita nas obras psicanalíticas, trazida à luz por um trabalho prévio de explicitação.

Este breve esboço apresentado naturalmente não deve ser tomado de maneira rígida – nem como uma categorização dos trabalhos já efetivamente realizados na área, que certamente não se enquadrarão aí de maneira inteiramente ajustada, nem como uma proposta limitadora dos trabalhos a serem realizados –, mas, antes, como um exercício de compreensão da área e de suas possibilidades. Assim esperamos, com estas considerações, poder dar uma modesta contribuição para o trabalho histórico sobre a relação entre filosofia e psicanálise, tanto na análise do caso específico da relação entre Freud e Fechner, quanto na reflexão mais geral sobre o campo, as quais poderão receber maior desenvolvimento em trabalhos futuros.

¹² Ver, nesse sentido, Assoun (1981) e Monzani (1991).

¹³ Aqui se insere a relação por nós examinada entre Freud e Fechner.

REFERÊNCIAS

- ASSOUN, Paul-Laurent. *Introduction à l'épistémologie freudienne*. Paris: Payot, 1981.
- ELLENBERGER, Henri F. Fechner and Freud [1956]. In: Micale, M. S. (org.). *Beyond the unconscious: essays of Henry F. Ellenberger in the history of psychiatry*. Princeton: Princeton University Press, 1993. pp. 89-103.
- ELLENBERGER, Henri F. *The discovery of the unconscious: the history and evolution of dynamic psychiatry*. Nova York: Basic Books, 1970.
- FECHNER, Gustav T. *Einige Ideen zur Schöpfungs - und Entwicklungsgeschichte der Organismen*. Leipzig: Breitkopf und Härtel, 1873.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos* [1900]. Trad. R. Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- FREUD, Sigmund. *Jenseits des Lustprinzips* [1920]. In: FREUD, Sigmund. *Studienausgabe*. Band III. *Psychologie des Unbewußten*. Frankfurt a. M.: Fischer Taschenbuch, 1982. pp. 213-72.
- FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer* [1920]. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 14*. Trad. P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. pp. 161-239.
- FREUD, Sigmund. "Autobiografia" [1925]. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas, volume 16*. Trad. P. C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. pp. 75-167.
- FREUD, Sigmund; BOEHLICH, Walter (org.). *As cartas de Sigmund Freud para Eduard Silberstein*. Trad. F. Meurer. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- FULGENCIO, Leopoldo. *As especulações metapsicológicas de Freud*. *Natureza Humana*, v. 5, n. 1, pp. 129-73, 2003.
- HEIDELBERGER, Michael. *Nature from within: Gustav Theodor Fechner and his psychophysical worldview*. Trad. C. Klohr. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2004.
- HYPPOLITE, Jean. *Ensaio de psicanálise e filosofia*. Trad. A. Telles. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre, 1989.
- MONZANI, Luiz R. *Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanço e perspectivas* [1988]. In: PRADO JR., Bento (Org.). *Filosofia da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1991. Pp. 109-38.
- RIEPE, Manfred. *Das Ornament der Maße: Gustav Theodor Fechners Bedeutung für die Psychoanalyse Sigmund Freuds*. *Psyche*, v. 56, n. 8, pp. 756-89, 2002.
- UNIVERSITÄT LEIPZIG. *Gustav Theodor Fechner*. In: UNIVERSITÄT LEIPZIG. *Professorenkatalog der Universität Leipzig*. Sem data. Disponível em: <https://research.uni-leipzig.de/catalogus-professorum-lipsiensium/leipzig/Fechner_807/>. Acesso em: 23/01/2021.

